

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

Ano IX, Nº 270 - Volume XXX - Porto Velho - Outubro/2010.

ISSN 1517-5421

Capa: Eliaquim da Cunha

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA HOLANDA - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

EDITORAÇÃO GRÁFICA
ELIAQUIM DA CUNHA & SHEILA CASTRO

Os textos devem conter no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail: primeiraversao@gmail.com

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

270



Nota sobre a zoofilia na história dos Karitiana

Felipe Ferreira Vander Velden

Notas sobre a zoofilia na história-mito dos Karitiana

Felipe Ferreira Vander Velden
Professor do Depto. de Antropologia
IFCH - Unicamp

Prática “natural” ou comportamento patológico, a zoofilia ou bestialismo – o sexo com animais – desperta, como temáticas sexuais sempre o fazem, acaloradas discussões em mesas de bar, polêmicas ainda distantes dos circuitos intelectuais e acadêmicos (lamentavelmente, na opinião do filósofo Luiz Orlandi 2000) – cenário que apenas recentemente tem começado a mudar, com o interesse das ciências sociais por estes comportamentos sexuais ditos bizarros ou pervertidos (Leite Jr. 2006; Gregori 2010). Registrada em inúmeras localidades e em variadas épocas – ocorrem-me, aqui, as notas de Gilberto Freire (2000[1933]: 424) a respeito da *“precocidade sexual do menino brasileiro”*, iniciados no erotismo com os animais domésticos das fazendas – sua distribuição e recorrência apontam, no mínimo, para a necessidade de refletir sobre ela, tanto mais que a conjunção entre humano e não-humano no ato sexual zoofílico aponta, na esteira do mestre Claude Lévi-Strauss (1997[1962]), para aqueles comportamentos que estão na dobradiça entre cultura e natureza que permitem pensar justamente sobre esta relação tão importante.

Este ensaio, portanto, não deve ser lido como uma nota brincalhona, e muito menos como uma denúncia de fundo moralizante. Ademais, espero que ele não seja apenas matéria de gracejos e estofo de debates descompromissados, mas, sim, um convite a pensar seriamente sobre práticas sexuais convencionais e – como é o nosso caso aqui – aparentemente não-convencionais, dimensão da experiência humana que articula vários temas clássicos da antropologia como poder, desejo, relações de gênero, técnicas corporais, classificações sociais e, sobretudo, repito, a distinção entre o mundo natural e o domínio da cultura.

Os índios Karitiana (Yjxa) são, atualmente, cerca de 350 pessoas, que habitam três aldeias no norte do estado de Rondônia, além de várias famílias que vivem permanentemente em Porto Velho. Falam uma língua do tronco Tupi, família Arikém, e possuem uma cultura marcadamente distinta das de seus vizinhos e de outros povos indígenas no Brasil. Venho trabalhando com os Karitiana desde 2002 e, nos últimos anos, tem me interessado particularmente a relação destes índios com os animais de criação (domesticados) introduzidos pelos brancos após o contato (isto é, bois, cavalos, burros, cães, gatos, galinhas, porcos, entre outros), assunto da minha tese de doutorado recém-defendida (Vander Velden 2010). Aqui abordaremos uma das modalidades de relação – aquela sobre a qual não se fala – entre os Karitiana e uma dessas espécies exóticas de não-humanos: a relação sexual com cachorros.

Que o cachorro doméstico é uma criatura estrangeira para os Karitiana, isso é fato. Demonstram-no as histórias karitiana sobre o aparecimento deste animal, trazido por seringueiros ali por meados do século XIX. Há, contudo, outra versão da origem do cão que parece contrastar com essas narrativas, ainda que conserve a exterioridade do cachorro, mas talvez aumente a estranheza quanto ao seu surgimento. Os Karitiana atuais reconhecem-se como uma comunidade etnicamente bipartida, formada da união, em algum momento do passado, dos Karitiana propriamente ditos com um grupo denominado Juari (chamado anteriormente de Kapivari) que provavelmente se tratava de um pequeno grupo local separado, pela violência das frentes de colonização, dos Karitiana que contataram seringueiros no rio Candeias na década de 1940 ou 1950. As memórias do (re)encontro destacam, sempre, que ambos os grupos haviam atingido o limiar da extinção, contando com pouquíssimos indivíduos; destarte, apenas a fusão das duas pequenas unidades sociais – por meio de inter-casamentos – teria propiciado a sobrevivência do povo que atualmente se conhece como Karitiana. Ademais, a junção dos dois grupos teria catapultado o cacique Antonio Moraes à posição de liderança incontestável do povo àquela altura, uma vez que, ao ceder suas muitas filhas – frutos de uma série de sete ou 10 casamentos – aos homens Juari (*que não tinham, frise-se, mulheres*), ele tornou-se uma espécie de “super-sogro” (doador de mulheres), posição de poder típica entre as sociedades indígenas amazônicas ao agregar muitos genros sob sua influência.

O ponto a ser destacado é que, de acordo com as narrativas dos Karitiana atuais, os Juari não passavam de um pequeno grupo de homens; não havia mulheres – ou, alternativamente, havia “*apenas quatro homens e uma mulher velha*”, ou “*não tem nada mulhê [sic], não. Só tem um mulhé velha, velha*”, esta última estruturalmente semelhante aos homens, pois não mais possuía capacidade reprodutiva¹. Ou, pelo menos, não havia mulheres *humanas* (e *em idade reprodutiva*). Segundo contam, os homens Juari eram casados ou copulavam com enormes cadelas que criavam: “*mulher de Juari era cachorrão, por isso estavam acabando*”, diz Epitácio. Antonio Paulo afirma que os homens Juari tinham “*vontade [de manter relações sexuais] e daí experimentavam cachorras*”, insistindo, sempre, no sexo feminino daqueles animais. “*Conta a história que estes [homens Juari] transavam com cachorros [sic]*” (Manso 2001: 20). Essas uniões bizarras, ao que consta, eram estéreis, ou delas nasciam cachorros pequeninos – segundo Antonio, porque “*o sangue do cachorro é mais forte do que o da gente; se o sangue dos índios fosse mais forte, nasceriam pessoas*” – ou crianças com face canina, pêlos no corpo e unhas afiadas nas mãos e nos pés; ou, ainda, bebês com face humana e corpos peludos; Valter diz que “*choravam como nenês humanos*”. Diz-se, ademais, que as criaturas engendradas morriam com apenas uma semana de vida, o que sugere que tais uniões maritais humano-caninas eram, de fato, inviáveis e, por esta razão, os Juari estariam mesmo fadados ao desaparecimento rápido, o que teria ocorrido se não tivessem sido encontrados pelos Karitiana e recebido mulheres humanas de Antonio Moraes; desde então, teriam abandonado esta prática, e não obtive notícias do que veio a acontecer a essas consortes inumanas dos Juari.

Com base nestas histórias, Luis e Marcelo afirmam que, na época do contato com os brancos os Karitiana já tinham conhecido cachorros, posto que teriam se misturado com os Juari antes do aparecimento dos seringueiros:

“O pessoal do Candeias [os Karitiana] foi um dia caçar e veio até o local da atual aldeia, onde encontrou os Juari, sem mulheres e casados com cachorros”.

¹ Diz-se também que as poucas mulheres em idade reprodutiva tomavam “*remédio do mato*” para não conceberem, ressaltando-se a inviabilidade dos Juari como grupo social distinto.

Narrativa de interpretação complexa, que parece apontar para múltiplos significados da relação entre humanos e animais, além de comentário sobre a triste situação dos Juari: sem mulheres, os homens deste povo em vias de desaparecimento procuravam uniões sexuais aberrantes com cadelas². Ação desesperada, mas ao mesmo tempo ridícula, prática iluminada pelas acusações jocosas, no mais das vezes veladas, que são hoje feitas a vários homens Karitiana – sobretudo mais velhos, cujas esposas já passaram da faixa etária reprodutiva – que se diz procurarem o coito com animais domésticos, em geral cadelas, até com certa frequência. No passado como no presente, tais atos revelam, talvez, a possibilidade – estéril, sem dúvida – da conjunção carnal com outras criaturas, por mais estranha que pareça. Quanto aos cães, parece tratar-se de uma nota sobre a sexualidade desregrada desses animais que, na visão dos Karitiana – e de várias outras populações indígenas, na América do Sul e alhures – acasalam com múltiplos parceiros e cruzam indistintamente até mesmo com seus próprios “parentes” (consangüíneos). No caso específico dessas cadelas desfrutadas por alguns homens hoje, diz-se que são “rodadas” (do uso informal: “*que andou por aí, passou por muitas mãos, gasta*”), um termo que também é aplicado a mulheres com larga experiência sexual, sinônimo de prostituta.

O curioso é que tanto os Juari de antigamente quanto os zoófilos Karitiana de hoje não parecem estar sujeitos, a crer nas narrativas, aos perigos que, na Amazônia, costumam assombrar qualquer tipo de intercâmbio descuidado ou indevido entre humanos e não-humanos (Rivière 1995; Viveiros de Castro 1996): com efeito, comer, copular e mesmo conversar com animais na floresta – ações que perdem seu sentido fora dos domínios plenamente humanos – trazem sempre risco inerente da doença e da morte, pois implica no abandono da *perspectiva* humana e a plena absorção pelo ponto de vista da alteridade (neste caso animal) em questão (cf. Viveiros de Castro 1996).

² Os Karitiana assinalam apenas a busca de satisfação sexual como motor dessas estranhas conjunções, mas seu viés “reprodutivo” resta patente nos comentários de que os Juari estavam desaparecendo porque não dispunham de mulheres (humanas).

Arrisco-me a sugerir que a conjunção carnal com cães, por mais excêntrica que parece, é plenamente aceitável – ainda que ridicularizada – sob a ótica Karitiana porque o cachorro doméstico *não está fora do universo humanizado*; ele é parte integral desse mundo socializado ou, melhor dizendo, o cachorro é a própria dobradiça entre o mundo não-humano, predatório e perigoso do mato, e o contexto familiar, seguro e organizado da aldeia. Na verdade, que outra criatura poderia ser “parceiro sexual alternativo” de homens carentes de mulheres senão o cão, animal que realiza, por excelência, a intromissão da alteridade no cenário íntimo dos humanos, ser que pode, em múltiplos contextos, transitar entre os campos da natureza e da cultura (Lévi-Strauss 1997[1962])? Como diz David G. White (1991: 15, minha tradução):

“Por fim, o cão, com seus papéis e valores culturais ambíguos, sua presença constante na experiência humana agregada a sua proximidade com o mundo das feras, é o próprio alter ego do homem” (ver também White 1991: 12-21).

Com o que concorda com Alain Testart (1987: 177), para quem o cão é *“le plus humanisé des animaux”*. O sexo não vai até a floresta: ao contrário de tantas cosmologias amazônicas, os Karitiana não equacionam a caça com a sedução (Descola 1994); o mito de **Okorokoto**, analisado por Rachel Landin (1985: 64-65), aborda a *“sexualidade inapropriada com a ou na natureza”*, e sugere claramente a aversão dos Karitiana com a irrupção da sexualidade humana na floresta ou com os seres que a habitam; ademais, se a aldeia é o local das relações sexuais socialmente sancionadas, a floresta não é seu oposto: jamais ouvi que relações sexuais – sobretudo aquelas ilícitas ou adúlteras – possam ocorrer no interior da floresta, mas apenas nas capoeiras imediatamente vizinhas da aldeia, nos roçados, em braços do igarapé não muito distantes da zona habitada ou em alguns cantos mais recônditos da aldeia, em geral à noite. Similar a essas zonas limites, um animal também liminar: o cão, a meio caminho entre a casa e o mato, o doméstico e o selvagem. Restaria, apenas, assinalar que se *“bestiality is, after all, the ultimate anti-anthropocentric act”* (Serpell 1996: 158), seria valioso repensar as histórias e as práticas do coito com animais – lá onde se “come” um animal em todos os sentidos –

entre os Karitiana e em outras sociedades indígenas, à luz do instrumental proposto por Eduardo Viveiros de Castro e seu *perspectivismo* (1996) e por Philippe Descola e seu *animismo* (2001).

É possível, portanto, que as narrativas do encontro entre os Karitiana e os Juari focalizem a existência de cães introduzidos por seringueiros já vivendo entre esses últimos, e mesmo da prática real da conjunção carnal entre índios e cachorros. Entretanto, creio que, ao evocar que dessas uniões nasciam criaturas humano-caninas, os Karitiana não estão fazendo referência apenas a um (possível) fato histórico, mas estão, acima de tudo, frisando a *exoticidade* de todo um contexto: um povo diferente (mas nem tanto, como vimos), sexo diferente (e aberrante), com um animal diferente, exótico, introduzido pelos brancos; brancos que, ao fim e ao cabo, foram os grandes responsáveis pela dispersão dos Karitiana e pelo quase extermínio destes e dos Juari. Enfim, um “*processo de exotização*” (cf. Mason 1998) que sinaliza a trajetória francamente decrescente do povo Juari, além do novo tempo, de recuperação, trazido pelo encontro com os Karitiana. Natural que fossem cães os personagens desta história: provenientes dos seringueiros que então ocupavam o território Karitiana, significavam a inviabilidade de um povo, pois as relações – com brancos invasores e com cadelas – são estéreis e, por isso, deletérias. O cachorro, portanto, parece ser a irrupção perigosa e destrutiva do *outro* no interior do nós, os Karitiana: seres meio-humanos e meio-cães remetem a uma representação do outro como situado nos interstícios entre o humano, o animal e o sobrenatural (White 1991; Magaña 1992: 3-4). O sexo com cachorros, portanto, fala-nos da relação tensa entre os Karitiana e alguns dos animais introduzidos no seu cotidiano com o contato. Fala-nos da impossibilidade da convivência realmente pacífica entre brancos e índios enquanto seres diferentes: transar com cadelas sinaliza, por meio da narrativa mítica, a inviabilidade de um povo marcado pela iminência da extinção precipitada pelo aparecimento dos não-índios. Fala-nos, enfim, de uma cosmologia que especula sobre as vicissitudes de seu passado, de seu mundo atual e de seu destino futuro. Os Karitiana, enfim, não são bestiais; bestial é o mundo terrível e destrutivo que o branco lhes trouxe.

Bibliografia

- Descola, P. 1994. *In the society of nature: a native ecology in Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 2001. "Par-delà la nature et la culture". *Le Débat*, 114: 86-101.
- Freire, G. 2000 [1933]. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record.
- Gregori, M.F. 2010. "Prazeres perigosos: o S/M e os limites da sexualidade". Trabalho apresentado nas *Quartas da Antropologia*, Campinas: PPGAS-Unicamp, setembro de 2010 (mimeo).
- Landin, R. 1985. "Nature and culture in four Karitiana legends". In: W. Merrifield (ed.), *Five Amazonian studies on world view and cultural change*. Dallas: The International Museum of Cultures, pp. 59-69.
- Leite Jr., J. 2006. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia 'bizarra' como entretenimento*. São Paulo: Annablume/Fapesp.
- Lévi-Strauss, C. 1997 [1962]. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus.
- Magaña, E. 1992. "La gente pecarí, el sacerdote canibal y otras historias: 'los otros' em el testimonio y la imaginación de las poblaciones selváticas". *Antropológica*, 77: 3-61.
- Manso, L. V. 2001. *De Botyã à Cristo: interferência da Igreja Batista no povo Karitiana*. Manaus: Universidade Politécnica Salesiana, monografia (inédita).
- Mason, P. 1998. *Infelicities: representations of the exotic*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- Orlandi, L.B.L. 2000. "A propósito de erotismo". *O Boi – revista dos alunos de filosofia da Unicamp*, 2: 67-73.
- Rivière, P. 1995. "AAE na Amazônia". *Revista de Antropologia*, 38 (1): 191-203.
- Serpell, J. 1996. *In the company of animals: a study of human-animal relationships*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Testart, A. 1987. "Deux modeles du rapport entre l'homme et l'animal dans les systems de representations". *Études Rurales*, 107-108: 171-193.
- Vander Velden, F. *Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana*. Campinas: Unicamp, tese (inédita).
- Viveiros de Castro, E. 1996. "Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio". *Mana*, 2 (2): 115-144.
- White, D. G. 1991. *Myths of the dog-man*. Chicago: The University of Chicago Press.